

Não conte poesia aos mortos

Yasmin Naif Amin Mahmud Kader¹

I.

O Poeta Noturno

Escrever, às vezes, é um refúgio, lugar de perfeita harmonia, de crua simbologia, de traços cujas linhas não foram delineadas pelo simples acaso. Há um poder oculto nas palavras como no desejo daqueles que as escrevem.

Refúgio, ele sempre pensou.

Mas nunca imaginou que escrever também fosse a sua condenação.

Há anos sua inspiração havia se esvaído, morta como ele próprio parecia estar, vagando nas ruas a procurar o ponto de luz perdido. Onde estava, perguntava-se. Para onde foi, olhava em infinitas direções e apenas rostos obscuros lhe observavam de volta, ausentes de qualquer simpatia. Era poeta, vivia da arte; e sem inspiração, não teria como sustentar a si mesmo. Era poeta, de fato, poeta noturno; daquele que observa nas sombras, que busca na escuridão um caminho para as palavras.

Havia muitos outros conhecidos pelo reino.

Poetas apaixonados, cujo frenesi de dias coloridos, de linhas de seda, encantavam os enamorados; poetas ardentes, de eu-lírico sensual, de tons eróticos e efervescentes; poetas caóticos, imbuídos de um caos estranhamente belo.

¹ Doutoranda em Estudos Literários (UFSM). E-mail: yasmim.kader@gmail.com.



Todos se espalhavam e borbulhavam pelo reino, impulsionados pela admiração do rei e da rainha pelas histórias e poesias que eram dedilhadas ao vento. Os soberanos eram bons ouvintes, e afortunados eram aqueles que, ao chamar a atenção deles com suas obras, passavam a viver de regalias na corte.

Uma vida de boêmia.

Aos pés dos reis.

Quem não queria?

Por isso, muitos se aventuravam nas partes mais inspiradoras do reino. Havia uma em especial. Um lugar em um vale cuja névoa era tão densa à noite que não era possível ver alguém a um metro de distância. A névoa, no entanto, não era contínua, acontecia em dias aleatórios... e fúnebres, diziam as más bocas.

Porque quando a montanha no pé do vale cantava, a névoa subia.

Nunca souberam de onde viera a canção, e nunca ousaram se aproximar da montanha para que nela descobrissem o que lá se escondia e resplandecia sempre com melodia. As lendas, no entanto, traziam poetas e artistas ao vale, cujo desejo era construir e dedilhar uma obra prima para que, assim, ganhasse a atenção e a admiração do rei e da rainha.

Ele era um desses.

Usou tudo o que tinha para ir até esse lugar muito conhecido e falado do reino. Quem sabe lá, onde grandes escritores foram forjados, onde obras nasceram, ele pudesse encontrar a inspiração que se ausentava há anos.

Assim, como bom poeta que era e como acreditava ser, escreveria uma poesia perfeita, digna de suas majestades.

O suficiente para ser reconhecido.

Para ser lembrado, nunca esquecido.

Para viver de regalias e de sua tão amada poesia.

Por isso não perdeu tempo, encaminhou-se ao vale da névoa e apostou tudo o que tinha e não tinha.

Quem sabe não fosse a chance de uma história...

Em uma noite tão longa...

Em um lugar tão esquecido...

Dias de viagem, de andanças intermináveis, o levaram ao lugar desejado, cuja ansiedade fazia contorcer o seu estômago. Era uma cidade dentro de um bosque que, conseqüentemente, estava dentro do vale, e lá no fundo, distante, a montanha cantante. Uma névoa espessa pairava acima, no horizonte longínquo, fazendo queimar uma antiga admiração no poeta noturno. Ele que sempre amou a escuridão, viu-se encantado pelos mistérios que pareciam se esconder em cada casinha torta, em cada pedra desparelhada, em cada centímetro da cidade — que era muito mais movimentada do que imaginava, grande parte de visitantes que, como ele, buscavam inspiração.

Recolheu-se em uma pousada com o restante das moedas que tinha.

Sua estadia precisava ser rápida, caso contrário, se não achasse o que precisava, a sutileza de palavras taciturnas, viveria de ausências que não gostaria.

— É verdade que a montanha canta? — Perguntou então ao homem que varria o assoalho de madeira torta, quebrada. As paredes da pousada estavam com a tinta lascada e quadros tortos preenchiam a entrada pouco habitada.

Lá fora, o burburinho de visitantes era incessante.

O homem lhe observou de esgueira, o rosto carrancudo e bochechudo. Tinha uma barba maior que a sua, quem sabe meses sem ver a navalha.

— Canta para quem acredita em contos para assustar crianças. — Respondeu.



— Ela canta de verdade... — Uma mulher interrompeu, atrás do balcão, os olhos marejados e amedrontados. Bela ela era, mas o tempo não estava sendo gentil... ou a vida. — Não saia quando a névoa se levanta... quando ela canta. Porque ela está aqui... a Donzela Prateada, e ela...

— Cala boca, mulher paranoica! — O homem berrou e grunhiu, assustando-a e, se encolhendo, correu para os fundos. — Essas mulheres... por isso as mulheres têm aparecido mortas com frequência por aqui... ficam se metendo em tudo.

O poeta ergueu as sobrancelhas, impressionado com a informação, esquecendo a moça e suas palavras.

— Mulheres mortas?

Ele estalou a língua e continuou varrendo.

— O que importa? Estão mortas e não há o que fazer... vá logo fazer a sua poesia e não tome o meu tempo.

Compreendeu e não o tomou, mas ficou curioso com a informação... uma vez ouvira sobre um poeta que se tornou consagrado por escrever sobre mulheres mortas.

Sobre a beleza que havia nisso...

Um tanto sádico, disseram. Mas não pensou assim, viu o outro lado... a da beleza perdida e eternizada em palavras.

Quem sabe não pudesse ser a sua inspiração?

Subiu, então, ao quarto, um cubículo apenas com uma cama, uma mesa e uma cadeira; e, sob a luz de uma vela vacilante, colocou a folha branca à sua frente.

Pensou nas mulheres mortas...

No canto que poderia ouvir das montanhas...

Na inspiração que diziam brotar daquele lugar.

Mas a tinta permaneceu intocada.

Esperou que algo mudasse, que uma centelha brilhasse, como se sua sutil estadia na cidade fosse o bastante para que encontrasse sua inspiração.

Mas nada veio senão a frustração.

Sequer uma palavra molhou o papel, e suas mãos trêmulas ficaram sobre as páginas vazias pela noite que se seguiu silenciosa, sem canto nenhum, sem névoa qualquer. Não dormiu, trêmulo; e quando se deu por si, atônito em um transe infindável, o sol raiou lá fora. Não desistindo, porém, pegou seu material de escrita e decidiu visitar as ruas da cidadezinha. A praça central, onde uma fonte era rodeada por tendas de artesanato e especiarias, estava movimentada, e ele vagou entre os rostos de ausência atrás de um fiapo de luz. Vagou de um lado ao outro, do amanhecer ao entardecer e, então, anoitecer, e nada foi capaz de acender as cinzas de seu coração.

Um vago desespero ousou habitá-lo, assustá-lo...

Até que um olhar encontrou sutilmente o dele.

Foi um segundo, um instante, o tempo de um coração a bater, de uma respiração a ceder... rápido demais e, ainda, o suficiente.

O suficiente, ele disse a si mesmo em meio a exatidão da noite que se consagrava no céu.

Uma mulher — de olhos escuros como a noite sobre eles, de longas e esvoaçantes mechas escuras. Feita de noite, inimiga do dia. Uma deusa, chegou a acreditar, impulsionado pelo florescer que surgia em seu peito.

Ah, ele sentiu.

Era ela, aquela era sua única e bela(ou então tira única e bela e põe: tão ansiada) inspiração.



Seguiu a mulher com os olhos, seu vestido até o chão, preto como seus cabelos, até que desaparecesse na multidão. Sua presença, no entanto, ficara nele, marcada gravada pesada, impulsionando os passos que deu em seguida. Foi atrás dela, procurou-a na aglomeração, nas luzes acesas da cidade que cumprimentavam o anoitecer, mas não a encontrou, sequer uma centelha de sua presença.

Não se desesperou, no entanto.

Correu para a hospedaria e lá, no silêncio dedilhado da madrugada, traçou as linhas que acreditou nunca mais encontrar.

Um poema.

A donzela reacendera nele a chama antes apagada, as ideias e rimas fluíam como se a pena e a tinta tivessem ganhado vida própria, deslizando pela página. Sonhador como nenhum outro, criou uma meticulosa rotina: a veria todas as noites no mesmo lugar enquanto, em mãos, fazia da visão, poesia.

Foi assim na noite seguinte. Viu-a traçar o mesmo caminho... deslizando pelas ruas como se pisasse em nuvens, sempre desacompanhada, sempre com o olhar alto, digno de sua graciosidade.

Tão linda, tão linda... ele se repetia com frequência.

O tão linda, então, tornou-se tão minha.

Tão sua e de mais ninguém.

Então, com páginas já transbordando, encaminhando-se para o fim de sua estadia e de sua obra, passou a sonhar com o momento que se unisse a ela.

E a cada amanhecer, com mais e mais noites sem dormir, o poeta noturno ansiou pelo encontro, ansiou tanto que se sentiu devorado por ela. Escrevia para amenizar as sensações, escrevia porque era o que podia fazer.

Até o fim, o derradeiro momento.

Porque precisava dela para o fim de seu espetáculo.

Precisava ouvir sua voz para delinear as linhas finais de sua poesia, sua obra mais perfeita.

Não se importava mais se ganharia regalias do rei, se chamaria a atenção do reino, buscava apenas pelo momento de ter sua donzela ao seu lado, sempre como sua inspiração.

Então, no mesmo horário, na sempre-noite, o homem esperou por sua donzela. Sorriria para ela. Dar-se-ia a ela. Faria-a ser sua. Nada que pudesse distanciá-los, separá-los, quebrá-los.

E sob a lua, sua musa caminhou em direção a ele. As mil vozes ao redor sequer foram uma, silenciadas e apagadas, inofensivas perto do que seu coração sentia ao vê-la se aproximar.

Esperou.

Desejou.

Sorriu.

...e ela não sorriu para ele.

Passou ao lado sem sequer dar-lhe o prazer de um olhar, ignorou-o, o cenho erguido e os passos flutuantes. Seguiu na multidão e desapareceu nela como sempre o fazia, deixando-o lá, estático, atônito, acabado.

Apenas a miséria e ele próprio.

Nas mãos, as páginas inacabadas à espera de sua inspiração final farfalharam no vento, inexpressivas como a musa fora.

Frustrado, e agora expulso da hospedaria que ficara, incapaz de pagar o restante dos dias, o poeta escondeu-se do dia, trancafiado em ruelas escuras e poços de ilusões que ele próprio construía em si, o único lugar que conseguia o



silêncio incansável do mundo externo. Não houve nenhuma canção da montanha em uma única noite, não houve sequer a névoa a expelir inspiração.

Talvez o homem na pousada estivesse certo. A mulher, errada.

Como a sua donzela parecia estar.

Errada.

Porque ela deveria olhar para ele.

Acorrentado àquele sonho, passou a vivê-lo pelas horas infindáveis sem sequer perceber no que o simples sonho se tornara: um cruel pesadelo. Estou sozinho!, disse a si mesmo, páginas em branco ao seu redor, o poema perfeito ainda inacabado. Sem inspiração. Sem musa. Sem ele próprio.

Não, ele pensou então, agarrando os papéis com dedos trêmulos, o pesadelo evocando ilusões infinitas, a minha musa, *a minha donzela prateada jamais agiria com tamanha frieza! Ela é doce, é doce... e minha*, repetiu-se naquele círculo de mentiras, incapaz de encontrar uma razão palpável para não ter recebido o sorriso dela.

Então, no amanhecer, encontrou uma suposta renovação.

Faria ela sorrir.

Faria ela ser sua.

Nem que precisasse fazer daquilo o seu espetáculo final.

Lembrou-se, então, do poeta consagrado.

Das mulheres mortas.

Da beleza de uma morte definhada.

Nada estava perdido... não enquanto a poesia nele habitasse.

Esperou o dia findar-se, esperou o perfeito momento se ascender no céu. Era poeta noturno e faria da noite a sua plateia. Então, nas sombras de uma noite sem luar, ele esperou pela donzela.

Não na multidão, não próximo aos olhares, mas no fim do caminho que ela sempre tomava, desejo corrompendo os seus pensamentos.

Então ela veio...

Veio como sempre, flutuando, bela, prateada.

...e sua.

E no fim, ele foi o ceifador do próprio sonho.

Seu poema teve um fim na manhã seguinte, um fim real que trouxe o maior número de espectadores que o poeta noturno nunca antes tivera.

Deixou os papéis de lado, esqueceu a poesia antes escrita com tinta.

Ousou, recriou, espantou.

Nada mais belo que a morte de uma bela mulher.

Seu trabalho se concluiu na praça pública da cidadezinha.

No centro, na fonte, uma mulher morta; no chão, os versos finais escritos em vermelho, no sangue de sua própria musa. Porque era só em um espetáculo assim, não sombrio, mas doentio, que os olhos do reino se voltariam a ele.

À poesia.

Tornei-me a noite,

Desaparecerei no raiar de um novo dia.

Tornei-te a lua,

Dormirei eternamente encantado pelo seu beijo.

Você sangraria por mim, minha lua?



Na fuga da cidade, lembrou-se apenas das sentenças finais, do gosto de coesão, dos significados talhados em vermelho.

E soube que, finalmente, na arte, sua musa seria sempre sua.

Porque deu um fim a ela...

E aprendeu que talvez não fosse um poeta noturno.

Mas um poeta de sangue, de mortos.

E quem sabe pudesse contar poesia a eles.

O que não sabia, porém, era que nem todos os mortos estavam dispostos a ouvi-lo.

II.

A Donzela Prateada

Não se pode matar o que está morto.

Não se pode matar a própria morte.

Mas ele tentou, ele me chamou e em tão ilusória convicção acreditou dedilhar poesia com o que pertence a mim. Sempre há um preço para aqueles que se julgavam capazes de dar um fim a uma vida antes do tempo destinado a elas. Mas ele não sabe, não teria como saber que era tudo... um dança já planejada, sincronizada, premeditada. Ele dançou os acordes da minha música fúnebre e, agora, pegarei o que pertence a mim.

A noite acima deslizava pela minha pele, feita de lua e estrelas; a ausência de todas as cores; e, talvez, por este detalhe, tenham me dado o nome de Donzela Prateada. Donzela... uma definição tão pura para o que represento, para os que os

meus dedos de anos infinitos tecem. Donzela... talvez seja melhor assim. Acreditar nesta fatídica ilusão de uma mulher imaculada, casta e perfeita. Porque quando vou ao encontro deles, eles não fogem de mim, mas correm para o meu abraço.

Cavem, estendi o braço e ordenei para as formas pútridas ao meu redor, suas peles cinzentas se desmanchando. Moscas sobrevoavam ao redor, sedentas pelas estranhas podres dos meus emissários sem voz. Eles obedeceram e pegaram as ferramentas para tirar a terra do túmulo à frente. Na lápide, um dizer: *A beleza roubada de uma donzela jaz aqui. Que as divindades confortem sua alma.*

Sempre gostei de ler os dizeres carregados de hipocrisia desta população arruinada. Gostavam de palavras bonitas, inspiradas pelos milhares de poetas que vinham à estas terras buscar inspiração. Os mesmos poetas, em sua maioria homens, que acreditavam que qualquer beleza pertencia a eles; e se não as tivessem, corrompê-las-iam. Arrancariam suas pétalas e pisaram em seus restos.

Então, a beleza seria enterrada.

Colocariam um dizer vazio e se lamentariam até esquecerem no dia seguinte.

Por anos, o mesmo se repetiu.

Por anos, eu me aproveitei disso e me alimentei das ações deles.

O eco na montanha não era uma lenda...

Era o que eu estava construindo lentamente para tomar tudo e todos.

Quando a pá de um dos meus emissários bateu na madeira, pedi que se apressassem para tirar o caixão da terra. Distante no cemitério abandonado, um gato miou e a floresta respondeu com seus galhos secos, fantasmagóricos. Meus servos puxaram o caixão e os colocaram ao lado do buraco, afastando-se para que eu pudesse me aproximar. Meu vestido se arrastou na terra, branco e liso em toda a sua extensão, como meus cabelos longos e meus olhos prateados. Uma coroa de sombras deslizava entre os fios no alto, intocável por mãos comuns.



Parei em frente ao caixão e estalei meus dedos, unhas compridas e pretas. Dois emissários se aproximaram e o abriram com um pé de cabra, arrancando a tampa e revelando a mulher que lá dentro jazia, morta. Gesticulei para que se afastassem e me inclinei para tocá-la, os cortes na garganta ainda eram visíveis. Havia hematomas em seus braços e escoriações no rosto, maculando a beleza de sua forma.

Momentaneamente.

Porque um toque de morte...

Torná-la-ia perfeita.

Estendi os dedos em seu rosto e a coroa em minha cabeça se acendeu, uma chama obsidiana como a noite acima. Bastou segundos, momentos incontáveis, para que a mulher morta abrisse os olhos com um sobressalto, respirando fundo como se houvesse prendido a respiração tempo demais.

Toquei-lhe os lábios com os dedos para lhe acalmar e ela colocou a mão machucada, quebrada, sobre a minha.

Sua carne já estava apodrecendo.

— Meu amor...

Eu sorri para confortá-la.

— Fizestes um bom trabalho como sempre, querida... mas estás arruinada.

Este não foi nada sutil como os outros.

Ela se lamuriou chorosa.

— Ele me machucou tanto, meu amor... foi pior que os outros, foi muito pior.

Doeu muito e...

— Shhh... — pedi que parasse e ela o fez, lágrimas se acumulando em seu rosto.

Ergui-me e olhei para os homens sem expressão, sem reação, sem vida, que estavam ligados a mim como marionetes.

— Cantem. É hora de a névoa descer.

Eles somente foram, como recipientes vazios sem qualquer vontade.

Mas me obedeciam, e isso era o suficiente.

A mulher se levantou de seu túmulo e tocou o pulso ferido, encolhida e aparentemente assustada. Não era dor, ela não sentia nenhuma nas condições que estava e talvez fosse um reflexo da vida que um dia teve. Hoje, ela só tinha a morte. Para sempre, ela só teria a mim.

— Amor...

— Está na hora de reencontrá-lo, querida. — Eu me aproximei dela e toquei o seu rosto, tínhamos o mesmo tamanho, mas sua pele era menos pálida, apesar das consequências de sua morte recente. Os olhos, escuros como as sombras ao nosso redor, carregavam um olhar de piedade, de pura e palpável submissão. Tão belos eram os seus cabelos do mesmo tom... e a morte lhe caíra bem.

Estava mais linda do que em vida.

Talvez fosse a minha versão favorita dela dentre as quase infinitas que criei desde o princípio de tudo.

— Mas ele me fez tanto mal... — Ela sussurrou chorosa.

— Eu vou fazê-lo pagar por ter lhe tocado e lhe ferido... não se preocupe. — Sussurrei e aproximei meus lábios dos seus, tocando-os. Eu era incapaz de sentir qualquer aroma, dos mais doces aos mais pútridos, e apesar das condições nefastas de seu corpo, associei o cheiro ao prazer que era tocar os mortos.

Fazê-los meus.

Então, para mim, ela tinha cheiro de morte.



— Vai te fazer feliz, meu amor? — Ela sussurrou e eu forcei o sorriso que via as mulheres da cidade expressarem.

— Sim.

— Então eu o encontrarei para você, minha donzela.

Foi o suficiente.

Porque a vida que o poeta arrancou dela estava ligada à morte dela - e do laço construído com sangue, com sangue precisará ser destruído.

Deixei-a ir e a observei desaparecer na névoa da madrugada.

Mais um destino traçado, mais um nome em minha lista.

Amaldiçoada pela vida e pela morte, eu não desfrutava dos sentimentos e das sensações dos mortais. Apenas uma me restava: o deleite de uma vida roubada, de uma morte dada. Com isso, eu os trazia de volta; com o poder que era a minha maldição, eu brincava com os mortos. Com o tempo, no entanto, incapaz de sentir o gosto da vingança, interpretei a minha condição como uma dádiva.

De que eu era capaz de ser a própria morte.

De roubar o que um dia me roubaram.

A minha vida.

Não os deixava descansar e os emoldurava em um purgatório eterno: de viver como submissos da minha maldição.

Maldição que eu chamava de benção.

Com um estalo de dedos, a noite sussurrou e o som da montanha ecoou, o canto que se propagava pela colina e pelo vale. Das sombras que formavam minha coroa, eles vieram ao meu encontro.

Meus mortos vivos.

Sigam-na, eu sussurrei e eles avançaram. Doze homens, alguns em estado de decomposição mais avançado; cujos ossos estavam expostos, outros mais recentes, com o corpo ainda com sinais leves de decomposição. Um deles eu me lembrava, morreu há pouco, depois de sufocar a beleza até a morte e jogar o seu corpo em um lago. Foi difícil tirá-la de lá, mas foi fácil encontrá-lo.

Uma pena que tenha morrido tão fácil.

Eles seguiram floresta adentro, sob a névoa, banhando de anoitecer. A cidade estava quieta no pé do vale e eu sabia que nenhum habitante ousaria pôr o pé para fora de sua moradia enquanto as montanhas estivessem cantando.

Talvez um estrangeiro, um curioso e desafortunado.

Porque uma vez que se segue o canto... lá eu estarei.

Com um último falso sorriso, arrastei-me com as sombras para a minha próxima morte.

O poeta poderia ter corrido, fugido, se escondido.

Mas minha beleza o encontraria.

Porque eu era a morte e ele faria parte de mim.

III.

O Poeta Noturno

As paredes da gruta estavam manchadas de sangue, dele próprio; de seus dedos dilacerados, de seu desejo de compor poesia em sangue. Queria ouvir de novo, os gritos lamuriados da donzela cuja vida arrancou, queria ouvir acordes de sua agonia, da doce e ingênua voz que seus lábios ensanguentados emitiam. Beleza única a dela, beleza cujas nuances nunca viu. Foi a sua musa mais bela... e era tão triste saber que se fora e que dela não mais faria poesia.



Mas talvez fosse melhor assim.
Que não durasse. Que se apagasse.
Porque o definhar e desaparecer da beleza é o que a torna bela.
Não importava o quanto arranhasse as pedras e arrancasse as próprias unhas para repetir o ritmo e as estrofes que compusera na praça da cidadela.
Não a repetiria.
Então ele parou e encarou as marcas vermelhas na parede rochosa.
Não deveria repetir.
Porque o seu trabalho, como a beleza, era único.
Seu trabalho como poeta, não mais noturno, mas de sangue, estava feito, consagrado, seria lembrado pelas pessoas que o viram, que se horrorizaram pela sinfonia tocada em acordes escarlates de uma beleza morta.
Não poderia voltar a cidade, o prenderiam.
Não poderia deixar o vale, o encontrariam.
Não poderia mais se afastar da montanha, não ouviria.
A canção...
A funesta canção que o levava até a maestria de sua criação.
Mas...
Ele olhou para as mãos em carne viva, sangue pingando no chão.
Mas e se encontrasse outras belezas para definhar?
Outras poesias para sangrar?
Talvez fosse isso que a canção na montanha significasse. Que continuasse.
Que nunca deixasse de ser o que era e de fazer o que fazia.
Poeta.
Poesia.

Viveria nas sombras e encontraria uma musa para definhar, uma beleza para sangrar.

Mas ao se virar e se deparar com a noite que um dia foi a sua inspiração, viu uma mulher parada à porta da gruta.

Da lua, sua forma fora moldada. Pálida como nenhuma outra como se tudo nela se ausentasse. As cores. Os aromas. Os sabores. Seu olhar era do mesmo tom, feito de vazios infinitos. Mas havia algo em tão estampada ausência que se tornava belo aos seus olhos. Exalava pureza, beleza e... desejo.

Desejou manchá-la.

Quem sabe não pudesse tingir aquela cor com nuances de vermelho?

Ressaltaria a cor, faria da poesia uma elegia, fúnebre e vertiginosa.

Que beleza mais excitante do que a morte de uma bela mulher?

Ele se aproximou, deu um passo cambaleante, um sorriso de admiração em seu rosto marcado pela ilusão.

— Minha Donzela Prateada... — ele sussurrou.

Ela pendeu sutilmente a cabeça para o lado.

— Quantas vidas você já viveu? — ela perguntou de repente, imóvel em seu lugar. Quase não piscava. O poeta parou, piscou.

Muitas, pensou.

Criador de histórias, de comédias a epopeias, vivera vidas infinitas no papel. Bastava imaginar para que outro corpo habitasse, para que outra vida vivesse.

— Incontáveis.

A donzela colocou os dedos sobre a boca.

— E quantas mortes você morreu?

Nenhuma, refletiu.



Porque seus poemas, suas histórias, contavam as narrativas de homens que, embora enfrentassem a morte de suas musas, sobreviviam.

Não era interessante escrever sobre a morte de um homem.

Não era belo, não exalava beleza ou poesia.

Diferente da morte de uma mulher.

Era excitante, poético, ele diria.

— Nenhuma. — respondeu.

E ela sorriu.

— Então esta será a sua primeira.

Pensou em questioná-la, quem era ela e como o encontrara na calada da noite. Não fez, foi interrompido; pois infinitas sombras ergueram-se ao seu lado, machadas, machucadas... ensanguentadas.

A beleza que definhara.

Eram homens de olhos brancos, de expressões retorcidas, tão mortos como a sua musa agora estava.

Entre eles, lá estava ela: a mulher cujo sangue fez sua melhor poesia.

Não teve tempo para pensar, para refletir ou entender.

Foi cercado pelos homens, não pela musa, que assistiu tudo ao lado da mulher prateada. Se um dia pensou que a morte seria como um beijo caloroso, enganou-se no momento seguinte quando seu corpo deixou de ser seu. Foi despedaçado, desmembrado, destroçado.

Feito de cinzas e pó.

Sentiu a dor e se um dia a descreveu como deleite em sua poesia, enganou-se. Era dura, elegia. Perdeu a voz, foi engolida, sufocada, para, em

seguida, não ver mais nada, de olhos arrancados à uma escuridão infinita, nunca mais capaz de contemplar ou sonhar com poesia.

E quando caiu, quase morto, viu em seus últimos segundos a beleza voltar a florescer na mulher ensanguentada.

O sangue desapareceu, os cortes se fecharam e sua pele, antes acinzentada, tornou-se rosada como uma pétala recém-aberta.

Arrancou-lhe a vida por um sonho de poeta.

Mas recebeu a morte...

E foi escravizado pelo mesmo sonho que nunca realizou.

Porque sua poesia seria esquecida.

Sua façanha, nunca mais lembrada.

E sequer o seu nome eles saberiam.

A morte, e mais nada.

IV.

A Donzela Prateada

Mortos não querem ouvir poesia.

Não sussurre a eles, não os chame quando você é incapaz de compreendê-los. Ele não compreendia; e, agora, o homem no chão, de mãos arrancadas, de olhos perfurados, era a consequência do que é sussurrar para as sombras, para mim.

Eu escuto, eu olho de volta.

Eu, a morte.

Eu, que erroneamente chamam de Donzela Prateada.



Sem que eu precisasse gesticular, os meus mortos vivos avançaram e juntaram as partes do poeta desmembrado.

Ao meu lado, a mulher que antes ele ceifara parou e recebeu a minha mão contra a sua, trêmula e machucada.

— Satisfeita? — perguntei a ela e vi que se recusava a encarar o cadáver ainda quente.

— Você está, meu amor?

— Sempre com você, querida. — Acariciei o seu rosto enquanto os homens mortos-vivos nos circulavam, sem vontade, esperando a próxima ordem. Viviam por uma ordem, se é que eu poderia chamar essa condição assim... vida.

Coisa pequena, ínfima, para o que era a morte que eles tinham.

Que eles serviam.

A beleza sorriu para mim com a resposta que ouvira, que era o que gostaria de ouvir, e eu me afastei dela, aproximando-me do homem ainda morto, em pedaços.

Meus mortos arrancaram suas mãos com as unhas e ainda havia as lascas da violência em seus pulsos abertos. A garganta estava destroçada... nada belo em vê-lo.

Nada seria belo em trazê-lo de volta.

Mas que purgatório melhor para um homem que, em vida, acreditou ser capaz de chamar a morte e matar a beleza por uma ilusão fajuta?

Estaria fadado a essa eternidade agonizante, a servir sem questionar ou ouvir.

A ser nada.

E como o nada que nasci, somado a todos os outros que acumulei, tornar-se-ia um todo.

Você está amaldiçoada a caminhar com os mortos, um dia um rei já em decomposição me disse.

Uma maldição que se tornou minha bênção.

Porque agora eu era a névoa e o canto dos meus mortos traziam cada vez mais os vivos para perto de mim.

Para que, comigo, perecessem.

Assim eu me alimentaria e viveria e seguiria.

Assim...

— Retornemos à montanha, amada... quero ouvir meus mortos cantar um pouco mais. — Eestendi a minha mão para a beleza, que a segurou com necessidade e se aninhou a mim. — Descansemos e, então, linda como tu és, outra faceta receberá, mais bela que a anterior.

— Isso vai te deixar feliz, meu amor?

— Sempre. — Respondi e deixei que ela colocasse a minha mão contra o seu rosto, carente do meu contato.

— Então a ti, minha beleza.

— Que em cada vida definhará até que outra lhe seja dada. — Seguimos caminho por entre os mortos.

Das sombras em minha coroa, do meu vestido feito de névoa, um ar soprou e envolveu o morto recente.

O resto seria feito.

V.

A Poesia Esquecida



Não se ouviu falar novamente do poeta que matou em praça pública, tampouco da mulher que morreu para a sua arte. No outro dia, sequer lembrava-se dela... como se seu nome, seu rosto e até mesmo a história de sua vida houvessem se apagado em um piscar de olhos.

A própria poesia se desmanchava no vento.

As manchas de sangue na praça foram confundidas com pinturas vermelhas.

Nada restou, apenas o cântico na montanha.

Mais alto, mais forte.

Com a ele, a névoa surgia quando uma mulher morria e, depois de sepultada, todos se esqueciam. Fadados a este ciclo de uma passagem temporária, de linhas que se rompiam e desapareciam. Até mesmo antes não pareciam se lembrar de quem ela era ou de onde viera. Apenas cumpriam o papel de lamentar.

Era uma pena que uma mulher tão bela houvesse sido morta.

Então voltavam para as vidas, pacatas e vazias.

E de lá da montanha, ela os observava e, então, fazia seus mortos cantarem para o prenúncio de sua próxima ação.

A névoa descia.

A donzela surgia.

E com ela, a beleza, sua tão fiel companheira, a tornar-se outra para assim ganhar o coração de um desavisado que, enlouquecido pela névoa, a mataria e criaria o mesmo laço que o poeta um dia criou.

Para que a donzela o buscasse.

Para que a morte se levantasse.

Para que cada vez, dentro da montanha, um homem morto se juntasse ao exército da mulher de branco...

Para cantar.

E chamar sua próxima vítima.

Recebido em 21/08/2023

Aceito em 19/12/2023